

OCcidente

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	—	Semestre	Trim.	N.º	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 108	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 45, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6900	8120	21 DE DEZEMBRO 1881	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa. É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.
Possesões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-3-	-5-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-3-	-5-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-3-	-5-		



LEÃO GAMBETTA (Segundo uma photographia de Carjat)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Leão Gambetta, GUILHERME D'AZEVEDO — Viagem da Família Real ao Porto, R. — Paços do Concelho de Moçambique, ARQUÊDO DE CASTILHO — As nossas gravuras — Exposição Nacional de Milão, R. — Tenda Barraca annexa ao Hospital Estephania, XAVIER DA CUNHA — Sapatos de Defuncto, LEITE BASTOS — Aos nossos estimaveis assignantes.

GRAVURAS. — Leão Gambetta—Africa Portuguesa, Paços do Concelho de Moçambique — Ph. rol do Cabo Carvoeiro — O pescador José Rodrigues Maio e o Cabo de Bombeiros Simão da Costa Pinho — Festas no Porto por occasião da visita da Família Real, Aspecto do fogo de vistas no Palacio de Crystal — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha uma velha canção germanica que diz «Não ha senão uma cidade imperial, só ha uma Vienna no mundo».

Pois essa unica cidade imperial, essa opulenta Vienna, está toda coberta de lucto, immersa na mais profunda dôr, que tem abalado de repente as cidades modernas.

Uma catastrophe enorme, inaudita, assombrosa, acaba de esmagar grande parte da sua população alegre e despreocupada, catastrophe tão grande que o seu echo espalhou-se pelo mundo inteiro.

O incendio do Ring Theatre deixou de ser um acontecimento d'uma cidade, para ser um acontecimento universal, e durante estes dias todos os povos do mundo, onde chegam as noticias da velha Europa, têm sido vivamente preocupados pela sinistra catastrophe do Boulevard do Ring.

O incendio do Theatre do sr. Jauner foi um cataclysmo de tal ordem que ao pé d'elle, o incendio do Theatre de Nice que ha mezes aterrou a Europa é apenas uma pequena desgraça.

Em Nice morreram 150 pessoas, em Vienna 1:002.

Esta cifra monstruosa é por enquanto calculada por aproximação, porque ainda se não terminou o triste balanço dos cadaveres sepultados nas ruinas do Ring Theatre.

Não faremos agora aqui a narrativa d'esse colossal sinistro, primeiro porque todos os jornaes do mundo o têm contado com seus horribes promenores, segundo porque o OCCIDENTE occupar-se-ha em breve d'esse lugubre acontecimento nas suas gravuras e então fará a historia da medonha catastrophe.

— Uma boa noticia artistica.

Nove artistas de talento, aquelles em quem a pintura portugueza deposita as suas mais justificadas esperanças, juntaram-se para fazer uma exposição-bazar dos seus trabalhos. Para esse fim pediram á Sociedade de Geographia de Lisboa a cedência de uma das suas salas, o que lhe foi bizarramente concedido.

Essa exposição honra muito os talentosos artistas, que a emprehenderam, tem quadros muito bons, e todos os expositores se distinguem mais ou menos por uma ou duas telas de valor real, e que tem sido muito apreciadas.

Não podemos, nem sabemos, fazer a critica d'esses quadros, e só registamos aqui com muito louvor, essa exposição que é uma demonstração brilhante da forte vida artistica que se manifesta n'esse grupo de rapazes, que trabalham, que estudam e que progredem.

A exposição tem sido muito concorrida, e alguns quadros tem achado comprador.

— Outra manifestação artistica de grande valor, foi a representação da famosissima comedia de Pailleron *Le monde où l'on s'ennuye*, no theatre de D. Maria.

N'essa manifestação cabem louvores aos artistas d'aquelle theatre, e ao publico que fez d'aquella deliciosa comedia um verdadeiro successo.

A maneira porque a peça de Pailleron é

desempenhada, e posta em scena, honra imenso o primeiro theatre do nosso paiz, que nas mãos d'um grupo de artistas cheios de talento e de boa vontade, se elevou ás alturas d'um theatre de primeira ordem, de que ha muito tempo andava afastado.

A sociedade artistica emprezaria do theatre de D. Maria bem merece da patria, pelo que tem feito, e que tem conseguido, no engrandecimento da arte portugueza.

Esquecendo-se de que são emprezarios para só se lembrarem que são artistas, os actores que exploram o theatre, sacrificam os seus interesses monetarios, arriscam-n'os corajosamente para pôr em scena com todo o primor, as obras primas litterarias, que assustariam qualquer empreza, e que são a honra e a gloria do theatre moderno.

No anno passado, a empreza de D. Maria abriu uma epocha nova nos annos do nosso theatre, fez uma completa revolução na *mise-en-scene* portugueza, com a riqueza deslumbrante com que apresentou em scena a *Estrangeira* de Dumas, e o *João de Thommeray*, duas das peças mais notaveis do moderno repertorio francez, e de que as emprezas anteriores do theatre de D. Maria fugiam ha annos pela razão que deveria impôr-lh'as, o se em muito litterarias.

N'este anno as tres peças novas que tem apresentado, são tres peças da *comédie française*, tres peças de primeira ordem, o *João Baudry*, a obra prima de Vacquerie, a *Princesa de Bagdad*, o ultimo trabalho de Dumas, que tantas discussões levantou na critica franceza, e *A sociedade onde a gente se aborrece*, a deliciosa comedia de Pailleron, que é o maior successo da França, e de todo o mundo theatral n'estes ultimos dez annos.

E pôr em scena a comedia de Pailleron, e como o theatre de D. Maria a pôz, com scenario novo, e um luxo deslumbrante, não é pequeno commettimento, porque sendo a peça um verdadeiro encanto, é ao mesmo tempo tão parisiense, tem o segredo de todo o seu enorme successo nas bellezas extraordinarias do dialogo, no espirito essencialmente litterario da sua linguagem, que o seu exito entre o publico de Lisboa, nada costumado a este genero de peças, podia ser muito duvidoso.

Não foi, e é n'isto que a manifestação artistica que a empreza de D. Maria deu pondo a peça em scena, com aquelle primoroso cuidado, se estendeu do palco até á platéa.

O publico comprehendeu o espirito de Pailleron, festejou ruidosamente todas as phrases deliciosas que a platéa da *comédie française* saudava ha perto d'um anno com um entusiasmo que não arrefece nunca, e deu ao *Monde où l'on s'ennuye* em Lisboa um successo igual ao que lhe tem dado as platéas mais illustradas e litterarias do mundo. Honra lhe seja!

— Ha pouco tempo escrevendo n'este mesmo lugar a respeito d'uma comedia traduzida por nós, para o Gymnasio explicámos largamente o nosso modo de vêr acerca das traducções, e reenviamos a essa explicação, quem extranhar que o nome que firma o que acabamos de escrever seja o mesmo que apparece nos cartazes do Theatre de D. Maria como traductor da peça Pailleron. E escrevemol-as, porque poderiamos, facilmente, em caso identico, escrever o contrario.

Não nos entendemos de modo algum, como traductores, solidarios com os auctores. Por termos sido interprete, melhor ou peor, d'um auctor estrangeiro qualquer para com o publico de Portugal, achamo-nos no nosso pleno direito de apreciar como entendemos a obra que traduzimos.

Achamos perfeitamente imbecil a modestia d'um sujeito que tendo traduzido para portuguez a *Divina Comedia* não se atrevesse a confessar que a *Divina Comedia* era uma obra prima, e que quando lhe dissessem:

«— Dante! que grande poeta!» puzesse os olhos no chão, e respondesse com o santo rubor dos pudores offendidos: «oh, muito obrigado! porquem é!...»; do mesmo modo que achariamos divertidissimo o traductor do Ponson do

Terrail, que nos quizesse fazer acreditar que o Rocambole é superior á *Notre Dame de Paris*.

Por isto, confessamos sem a menor modestia, que Pailleron tem muito espirito, e que *Le monde où l'on s'ennuye* é uma obra prima; confessamos com o mesmo incomensuravel orgulho, que a empreza do theatre de D. Maria poz a peça esplendidamente, que todos os artistas a representam magistralmente, e que a peça teve um grande e legitimo successo.

E' a isto que se chama arrebrantar de vaidade.

— E agora por ultimo uma pequenina historia a proposito do titulo enorme que a peça tem em portuguez e que affronta desalmadamente as esquinas de Lisboa.

Eu não sei se os senhores tiveram já alguma doença difficil de curar? Devem ter tido decerto, porque a medicina torna perfeitamente verosimil esta hypothese.

O que lhes aconteceu? Vejam lá se não foi exactamente isto. Primeiro, — quem é que o não tenta? — tentaram curar-se a si: fizeram remedios caseiros, e nada. Desesperados mandaram chamar o seu medico usual. Passaram-se dias e dias, receitas sobre receitas e nada de cura. Consultaram outro medico, os mesmos remedios, outros, e sempre nada. Outro medico, outro, e sempre nada, sempre.

Desenganados da alopathia recorreram a homœopathia, á escola nova: — vidro para cá, vidro para lá, e a cura sem apparecer.

Cansados, desanimados voltaram-se para os boticarios, para os curandeiros, e nada, mesmo nada.

Fallaram com amigos, cada um receitou a sua coisa, cada cabeça cada sentença, cada um achava detestavel os remedios indicados; — o melhor tinha elle; mas esse melhor não fazia cousa alguma, e era reprovado pelo amigo immediato, que tinha o bom, um bom que não prestava para nada para o amigo seguinte, idem, idem, idem, e eternamente nada?

E por fim a doença nunca se cura, e só passa com o tempo.

Não é isto que lhes acontece sempre?

Pois foi exactamente isto que nos aconteceu com o titulo do *Monde où l'on s'ennuye*.

Procuramos traducções caseiras, e nada; consultámos os doutores das letras, e nada; percorremos as escolas mais oppostas, e ainda nada. Recorremos nos boticarios das letras patrias, aos curandeiros litterarios, e sempre nada; conversamos com todos os amigos, muitos titulos mas nenhum bom, o que este aconselhava como excellente, aquelle achava-o detestavel, e dava um magnifico, que aquelle outro classificava de idiota, idem, idem, eternamente nada.

Porfim o titulo não se achou, nunca, e tivemos que o traduzir litteralmente em portuguez, como se estivessemos no banco do lyceu a ser interrogados pelo nosso caro amigo o sr. Phelippe Leite.

E agora só temos uma unica ambição: — é esperar que isto passe com o tempo.

GERVASIO LOBATO.

LEÃO GAMBETTA

Este homem que ha tanto enche o mundo com o ruido da sua palavra energica e sonora, nasceu em Cahors, ha cerca de 41 annos. Oriundo de um merceiro genovez, é um filho do Meio dia, aquecido por uma porção de sangue italiano. Como os Bonapartes, filiou-se n'uma raça que a historia assignala pelas tendencias dominadoras.

Gambetta acabava o seu curso de direito em Paris e era apenas conhecido no recinto dos tribunaes como advogado eloquente, quando sobreveiu o processo Baudin. Baudin fora um representante do povo morto em 1852 nas barricadas, por defender o direito constitucional atacado a uma esquina por Napoleão, o pequeno, na noite de 2 de dezembro.

Eram passados 16 annos e o partido republicano abria uma subscrição para levantar um monumento a Baudin. As justias impe-

riaes levaram os promotores da subscrição ao banco dos facinoras. Gambetta appareceu á barra a defendel-os.

Ouviu-se então uma voz que rebombava como um trovão no céu constellado do segundo imperio! As Tulherias em festas estremeceram, mas ao mesmo tempo a fibra popular, enervada por 17 annos de oppressão, estremeceu tambem como se fosse tocada por uma pilha galvanica. Lyão, Marselha, Paris, enviaram successivamente Gambetta ás camaras. A democracia contemporanea tinha, emfim, o seu vingador e o seu tribuno.

Napoleão para se livrar dos embaraços da politica interior, declarou desastrosamente a guerra á Prussia. Os exercitos francezes, maiores nos orçamentos do que nos campos de Gravelote, de Forbach e de Reischoffen, foram esmagados pelas profundas legiões que surgiam d'alem do Rheno, como uma torrente sinistra. A aguiá Napoleonica é apanhada viva na toca de Sedan: Paris é sitiada em quanto metade da França é calcada pelas patas do Hulo triumphante.

Da capital apertada n'uma muralha de bronze, desprende-se n'este trance um balão em que vae um homem, e n'este homem reunidas as esperanças de todos os corações francezes. Segue-se o periodo que na historia constituirá toda a força e toda a gloria de Gambetta. Uma vez nos departamentos elle multiplica-se em esforços sobrehumanos para arremessar a nação em desanimo sobre os invasores e libertar Paris. Improvisa exercitos, cria generaes, e a sua palavra incendiada passa como um clarão d'esperança sobre a nossa raça! A victoria parece um momento indecisa e os prussianos vão ser obrigados a levantar o cerco de Paris, quando Bazaine, seguindo as tradições imperiaes, traição a França, entregando ao inimigo o seu exercito inteiro.

Gambetta pede ainda a guerra sem treguas, mas os esforços d'esta loucura sublime perdem-se d'encontro ao desanimo geral. A França perdera duas provincias e centenas de milhões, mas salvára uma coisa — a honra.

Entra-se depois no periodo da reconstituição interior, em que ainda Gambetta se mostra um politico á altura do homem d'acção. A monarchia estava morta, mas os partidos conservadores procuravam sentar no throno o espectro do Direito Divino, derrubando Thiers que não secundava perfeitamente os seus esforços, sentando na cadeira da presidencia um general vencido — Mac-Mahon. Gambetta levanta-se então á altura do seu prestigio de tribuno, e impõe ao soldado infeliz que pretende ser um ditador aventureiro, aquelle celebre dilemma que espantou a velha Europa feudal, pela audacia: — *ou submitter-se ou dimittir-se.*

Mac-Mahon vencido pelo suffragio universal, como o fôra pelas armas estrangeiras, dimittiu-se e submetteu-se.

Desde este momento Gambetta era o homem que representava sem contestação a França democratica: não os impetus d'uma ou outra circumscriptão visionaria e utopista, mas a media da opinião formulada por elle n'este termo, o *Opportunismo*, que é uma expressão feliz do evolutionismo scientifico na politica.

Em França a opinião estava dividida em duas parcialidades. Uma, guardando intacto o sentimento da reevindicação nacional, não desejava Gambetta usado pelos embates naturaes do poder; outra, pondo acima do problema nacional as praxes constitucionaes, impunha-lhe as responsabilidades do governo. Gambetta resolveu-se por fim a aceitar-as.

E aceitou-as no momento psychologico, exactamente quando era necessario que o fizesse. A Charonne, uma circumscriptão eleitoral de Paris, aonde as aspirações democraticas demasiadamente arrojadas tem um caracter inconsciente por não terem uma base positiva, derrotaram este anno o seu antigo representante na urna. Gambetta separando-se de Belleville aproxima-se da França, pois que uma nação não pôde ser dominada por um burgo, nem a democracia moderna pôde subordinar o seu criterio ás aspirações d'uma assembléa em que

ainda impera o romantismo jacobino. Se a Charonne continuasse a votar em Gambetta, de duas uma: ou ella mentia ás suas tradições, ou o tribuno mentiria á moderna consciencia revolucionaria, não sabendo corresponder ao que exigiam d'elle os interesses sociaes estabelecidos.

A demagogia atirando um assobio a Gambetta, significa isto: a França atirando-lhe uma pasta.

Quantas vezes se tem discutido a *ambição sem limites* de Gambetta; quantas vezes se lhe tem chamado *dictador*!...

É todavia elle quem colloca Julio Grevy na presidencia da Republica; é todavia elle quem, em face das assembléas populares, recommenda sempre a obediencia aos dictames do suffragio.

Gambetta é um orador de palavra arrebatada, sabendo condensar muitas idéas em poucos periodos. O seu gesto é amplo; a sua replica fulminante como o raio. Vae serenamente direito ao seu fim como n'outro tempo foi direito ao coração da invasão prussiana. Os partidos extremos, a intransigencia da direita confundida com a intransigencia da esquerda, apontam sempre a elle, porque elle só por si é o *obstaculo*. De resto, o direito divino sabe perfeitamente que na intransigencia franceza ha a sufficiente dose de ingenuidade para que ella não lhe seja uma barreira séria por mais de 24 horas.

Gambetta é um cyclope. Concentrando o seu poder visual n'um só olho, na França não ha hoje outro homem politico susceptível de ver mais longe, sabendo melhor apreciar o valor dos homens publicos, adivinhando mais depressa as aspirações nacionaes.

A paixão partidaria pôde discutil-o, mas no meio da França contemporanea ha uma cabeça que sobresaie um palmo ao nivel geral, disse ainda não ha muito um juiz insuspeito — Bismark.

E' esta cabeça leonina que o OCCIDENTE dá hoje nas suas paginas.

GUILHERME D'AZEVEDO.

VIAGEM DA FAMILIA REAL AO PORTO

A familia real portugoeza acaba de realizar uma digressão á laboriosa cidade do Porto, cuja população deu treguas, por dias, á labutação incessante do seu trabalho activo, para se desentranhar nas manifestações mais jubilosas, em honra dos monarchas, que ao mesmo passo que iam alli receber o premio condigno das suas virtudes humanitarias, foram igualmente revigorar com o impulso da sua iniciativa prestante, as fundações de um monumento perduravel de philantropia e de regeneração social.

O acolhimento expansivo feito aos regies excursionistas, assignalou-se por uma serie de solemnidades e festejos, que devem ficar memoraveis na historia da casa illustre de Bragança.

As folhas da localidade deram a chronica extensa e minuciosa das ceremonias e demonstrações que se succederam nos dez dias em que Suas Magestades e Altezas permaneceram no Porto, conhecendo já o paiz inteiro, por essas narrativas, a magnificencia e o entusiasmo das demonstrações com que a briosa população portueza desejou significar o respeito e as sympathias que lhe merecem os monarchas portuguezes.

Em vista d'isso, pois, vamos apenas lembrar os principaes acontecimentos que se deram durante a regia visita, fazendo-o com a despretensão de um mero relatório e como simples complemento das gravuras que o OCCIDENTE hoje publica, commemorativas da digressão da familia real ao norte do reino.

El-rei, a rainha e os principes, acompanhados dos srs. presidente do conselho Fontes Pereira de Mello, e dos ministros, do reino Thomaz Ribeiro, e das obras publicas Hintze Ribeiro, fizeram a sua entrada no Porto no declinar do dia 24 de novembro, no meio das acclamações da grande multidão que os aguardava em todos os sitios, e das ornamentações de gala que davam ás ruas de transitio um tom de alegria festiva.

Nessa mesma noite e nas duas seguintes, a cidade illuminou-se em todos os seus edificios publicos, e na maior parte dos predios particulares, produzindo um effeito encantador as illuminações a gaz, das ruas de Santo Antonio e Clerigos, e da praça de D. Pedro, nas quaes tocavam varias philarmonias, e onde era numeroso o concurso de povo a presenciar esses festejos.

A familia real depois de assistir a dois espectaculos de caridade, nos theatros do Principe Real e de S. João, e de visitar alguns estabelecimentos de instrucção e beneficencia, dirigiu-se no domingo immediato ao Palacio da Bolsa, decorado para esse fim, com luxo e elegancia, onde Suas Magestades foram acolhidas com provas do mais subido respeito e regosio pela direcção da Associação Commercial, membros da mesma corporação e um grande numero de senhoras.

Suas Magestades percorreram o edificio, depois de terem inscripto os seus nomes no livro de honra, apreciando muito não só a magnificencia do salão nobre, como as obras da escadaria e da cobertura metalica do pateo central, cujos projectos examinaram, dispensando merecidos louvores não só á direcção d'aquella casa, como ao habil architecto Soller, que no dia seguinte foi entregar a el-rei varias photographias do edificio, que previamente lhe haviam sido offerecidas pela commissão de obras.

N'esse dia a familia real continuou a visita a outros estabelecimentos, e no seguinte, segunda feira, teve lugar no Palacio de Crystal a sessão magna da Sociedade Humanitaria, para a distribuição das medalhas e diplomas de honra, aos benemeritos, que por actos de heroismo ou de elevada philantropia se tornaram dignos d'essas distincções, comprehendendo-se n'esse numero el-rei e a rainha.

A solemnidade foi imponente. A grande nave ostentava com profusão os primores de uma ornamentação esplendida, a que dava ainda maior realce a concorrência distincta e numerosa do que ha de mais selecto e grado no functionalismo e na sociedade portueza.

No palco, de entre o grupo de esforçados cidadãos, que iam receber a glorificação publico dos seus actos de devoção humanitaria, sobresahiam os vultos sympathicos do bravo pescador Maio e do intrepido cabo Simão, dois dos principaes heroes d'aquella festa civica.

O primeiro um velho rude e alquebrado pelas fadigas do mar, mas dotado de uma grandeza de alma e de uma sinceridade de espirito, que tem a mais significativa comprovação no numero consideravel de infelizes que a sua dedicada valentia tem arrancado á voracidade das ondas, quando desenvoltas e arripiadas pelo desencadeamento da tempestade.

O segundo, o exemplar cabo da companhia dos incendios de Villa Nova de Gaya, hoje elevado a sargento em premio dos seus serviços, o intrepido banheiro do rio Douro, que conta por dezenas, o numero de victimas que tem salvo no mesmo rio.

Ambos elles, attrahiam as vistas geraes, e quando, no meio do silencio mais solenne, o heroico pescador Maio, acurvado deante de el-rei, recebia das suas mãos a medalha de ouro que ia augmentar o numero de outras não menos honrosas, que lhe pendiam do peito e todas conquistadas á custa da propria vida, a multidão irrompeu em uma saudação entusiastica e prolongada, que o pobre velho recebeu com as faces inundadas de lagrimas, e como que vexado pela grandiosidade das atenções de que se via alvo.

Foi uma scena commovedora a que só pôde pôr termo o frenesi dos applausos da immensa assembléa.

Não menos tocante se tornou a entrega das medalhas de ouro a el-rei e á rainha, e se essa distincção foi o premio condigno dos actos de dedicada beneficencia e de inexgotavel caridade praticados pelos reaes conjuges, nos seus corações bondosos não deixarão de ecoar ainda as saudações fabricitantes do publico que n'essa occasião quiz dar-lhes igualmente o mais claro testemunho do apreço em que tem as suas elevadas virtudes.

Essa manifestação, pela sua unanimidade e sinceridade, não teve decerto menor valor e alcance, do que as veneras com que a benemerita sociedade quiz engrandecer quem merecera já as bençãos da posteridade e os louvores da historia pelos santos impulsos das suas almas compassivas.

El-rei coroou brilhantemente o acto de que fôra um dos mais sympathicos personagens, chamando no fim á sua presença o pescador Maio e o cabo Simão, no peito dos quaes collocou os habitos da Torre e Espada, acompanhando esta honra mercedissima, com palavras affectuosas e de esperanças garantias para o futuro dos dois heroes, cujos padecimentos creados na salvação do proximo, e viver menos do que modesto, os tem feito passar, por vezes, por desoladoras privações.

A confirmação da magnanimidade de Suas Magestades, tiveram-a os honrados filhos do povo no dia seguinte, em que el-rei lhes declarou: que do futuro do pescador Maio se encarregava elle, estabelecendo-lhe uma pensão diaria de 400 reis, e do do cabo Simão, S. M. a Rainha, que lhe estabelecia identica quantia, ambas pagas pela casa real.

E assim patenteram mais uma vez Suas Magestades não só o valor em que tem os serviços de dedicacão humanitaria, como a commiseracão que lhes merecem todos aquelles que pela sua vida exemplar e gloriosa se tornam dignos de uma compensação remuneradora dos seus sacrificios benemeritos.

Como complemento da formosa solemnidade d'esse dia, á noite realisava-se na mesma nave o grande concerto dado em honra da familia real pela Associação Commercial e syndicato portueza, o primeiro da serie de festejos com que aquellas corporações desejaram solemnizar a visita de Suas Magestades ao Porto.

O aspecto do grande salão, profusamente illuminado em arcaria, era deslumbrante e a concorrência de espectadores, immensa.

No sarau tomára parte o notavel violinista portuezo o sr. Nicolau Ribas, a quem el-rei no dia seguinte galardouo com o habito da ordem de S. Thiago, como recompensa devida aos elevados meritos do distinctissimo artista.

Na terça feira deu-se no Palacio de Crystal o grande baile promovido pelo corpo Commercial. Para se avaliar da magnitude d'esse sarau, basta mencionar que concorreram a elle cerca de 4000 pessoas.

A ornamentação era a mesma da noite do concerto, tendo-se tapeado a lona todo o pavimento da nave. O servico para a multidão de convidados foi de bufete, sendo dada á familia real, em uma sala reservada do restaurante, uma opipara ceia. Na meza em que Suas Magestades eram servidas, havia um esplendido feto arboreo, pertencente ao horticultor Marques Loureiro, e que o sr. Henrique Burnay adquiriu para offerecer á sr.^a D. Maria Pia.

Suas Magestades dansaram algumas quadrilhas com diversas pessoas consideradas, tomando o baile uma ver-

AFRICA PORTUGUEZA



PAÇOS DO CONCELHO DE MOÇAMBIQUE (Segundo uma photographia)

dadeira feição democratica, pela ausencia das impertinentes ceremonias da cortezania. Nas quadrilhas em que a familia real tomava parte, dançavam indistinctamente as pessoas que mesmo não tinham caracter official ou aristocratico, dando esta despretençiosa promiscuidade de categorias a nota mais sympathica d'aquella festa burgueza na qual os monarchas parecia achar-se perfeitamente a vontade.

Na digressão que Suas Magestades fizeram no dia 30 á cidade de Braga, novas e manifestas demonstrações de respeito e regosijo lhes foram prestadas, tanto nas estações do transitio como na velha cidade. No Bom Jesus a commissão de festejos presidi-da pelo visconde de Pindella offereceu aos regios visitantes um delicado lunch em que se trocaram os mais entusiasticos brindes.

No dia seguinte realisou-se no Paço a reunião para a inauguração dos Albergues Nocturnos, sendo notavel o discurso proferido por el-rei, não só pela sua forma elegante, como pelos conhecimentos que Sua Magestade patenteou acerca da organisação d'esses institutos nos paizes estrangeiros e dos beneficos fructos que d'elles se tem tirado. A subscrição aberta n'esse momento subiu logo a 16:586\$000 réis, ficando a commissão provisoria composta dos ara. presidente, o em.^o cardeal bispo do Porto; secretarios conselheiro José Guillerme Pacheco, presidente da junta geral do districto, e dr. Correia de Barros, presidente da camara; vogaes, viscondes da

Trindade da Silva Monteiro e de Alves Machado, dr. José Fructuoso Ayres da Gouveia, Joaquim Pinto da Fonseca, Francisco José de Araujo, conselheiro Adriano Machado, e dr. Henrique Carlos de Miranda.

A organisação dos Albergues em uma cidade laboriosa como o Porto, em que abundam os hospícios de bene-

llo trazuz e que dá a prova evidente dos sentimentos compassivos do monarcha.

Terminada a reunião a que assistiram varios capitães e representantes da imprensa, a familia real foi á igreja da Lapa orar junto do mausoleu que encerra o coração magnanimo do esforçado general das cam-

panhas liberas, o sr. D. Pedro IV, cantando-se por essa occasião um solemne Te-Deum.

Dahi Suas Magestades seguiram para a esplanada da fortaleza da serra do Pilar, onde el-rei inaugurou os trabalhos da grandiosa ponte metalica, que vai substituir a pensil. A inauguração fez-se, tocando o sr. D. Luiz no botão de um fio electrico que communicava com uma carga de dynamite introduzida na rocha, e a qual rebentou á explosão do tiro.

Para esta cerimonia haviam-se ornamentado profusamente as ruas da cidade que o cortejo devia percorrer, notando-se entre ellas a das Flores, onde a familia real á noite recebeu uma estrondosa ovação ao dirigir-se para o baile do Gremio Portense, antigo Club.

Esse baile foi em tudo magnifico, achando-se a casa decorada com um luxo e bom gosto notaveis.

El-rei visitou no dia seguinte, entre outros estabelecimentos, o edificio das cadeias da Relação, de onde sahia tristemente impressionado pelo aspecto tenetoso e desolador que elle offerece.

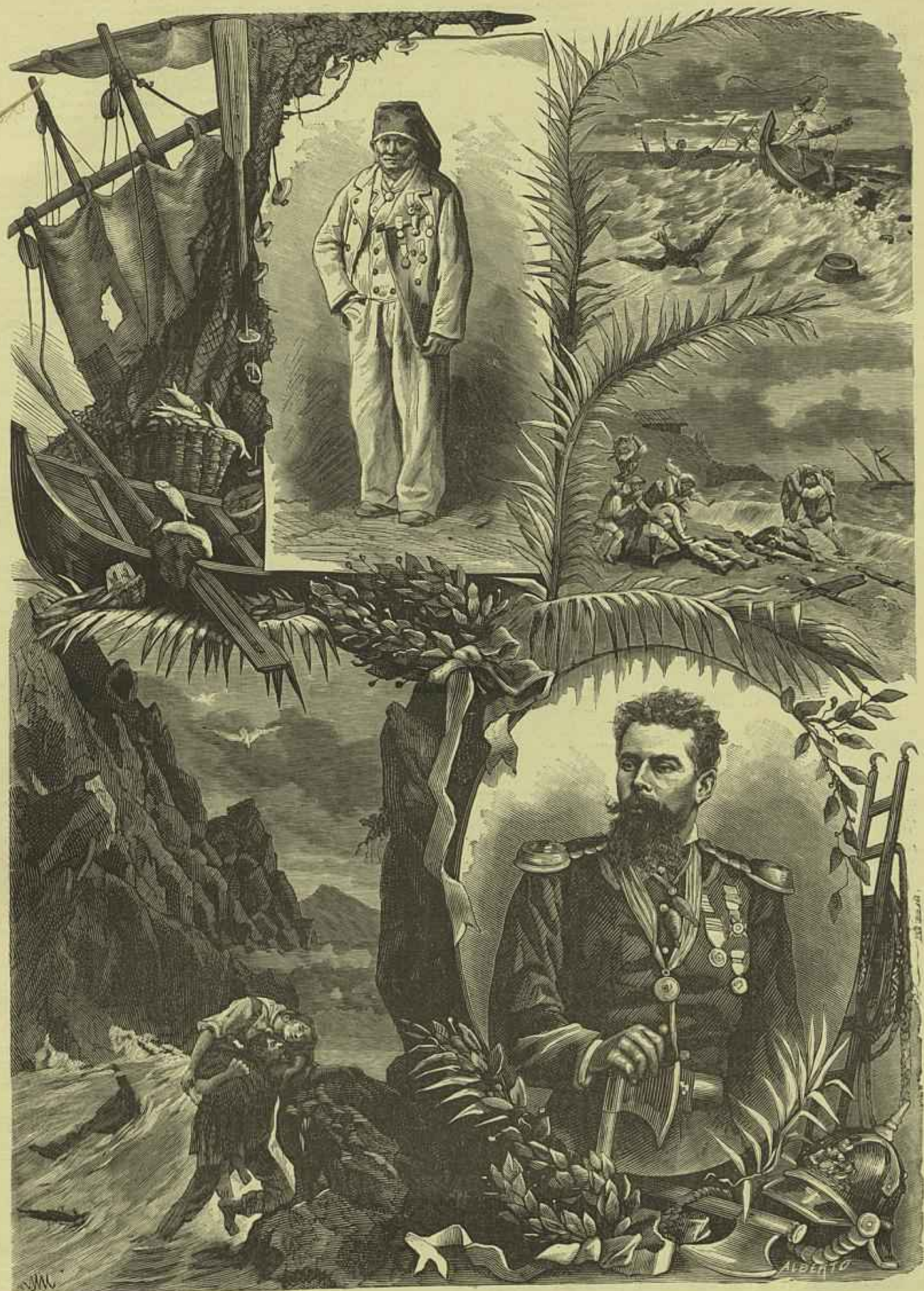
Em compensação, horas depois era-lhe offercida



PHAROL DO CARO CARVOEIRO (Segundo um desenho de Ilbelco Arteiro)

ficiencia de todos as classes, talvez não seja de uma necessidade instante. O futuro contido se encarregará de mostrar a utilidade d'essa instituição, que poderá, com a experiencia, transformar-se talvez em um estabelecimento não menos proveitoso e util.

No entretanto não pôde deixar de louvar-se o pensamento de el-rei pela intensão purissima e prestada que



O PESCADOR JOSÉ RODRIGUES MAIO E O CABO DE BOMBEIROS SIMÃO DA COSTA PINHO (Vide artigo Viagem da Família Real ao Porto)
 (Composição e desenho de Manuel de Macedo)

Palácio do Crystal uma das festas mais pathéticas de que ha memoria. Foi o *lunch* dado ás creanças dos asylos do Porto, pela Associação Commercial e Syndicista. O numero de asylos que se reuniu nas mezas dispostas na nave central elevava-se a 327. Os pobres-ninhos eram servidos pelos filhos das pessoas mais distintas do Porto, e a propria familia real, não podendo resistir aos suaves encantos d'aquella sublime manifestação de caridade, percorreu as mezas affagando e servindo tambem aquelles infelizes.

Muitas lagrimas sinceras vimos deslizar-se pelas faces dos que, commovidos, assistiam áquelle espectáculo tão novo e enternecedor, e o qual S. M. a rainha glorificou ainda mais, entregando a cada uma de doze creanças dos asylos allí representados, e que mais distinctas se tinham tornado nos seus estudos, uma inscripção de 100\$000, para com os juros accumulados até á maioridade, servir como de patrimonio a esses desprotegidos da fortuna.

Terminada tão encantadora solemnidade a familia real retirou-se para o Paço, onde á noite foi servido o jantar de despedida e para o qual haviam sido convidadas as autoridades e os representantes de varios estabelecimentos bancarios e de beneficencia, titulares, etc. Eirei levantou um eloquente brinde á cidade do Porto, respondendo-lhe de um modo brilhante o presidente da camara municipal.

Terminado o jantar SS. MM. foram ao Palacio de Crystal, onde se queimou o fogo de artifício do pyrotechnico inglés Pain, concluindo a diversão, a que concorreram cerca de 10000 pessoas, por uma marcha *sur-flambeaux*.

E com este passatempo finalisaram os brilhantes festejos promovidos pelo corpo Commercial do Porto, e o producto dos quaes augmentou consideravelmente o fundo destinado á creação dos albergues.

No sabbado a familia real foi á pittoresca região do Douro, recebendo na Regua e pelo caminho novas demonstrações de sympathia: e no domingo pela manhã regressava á capital, sendo acompanhada até á Granja por grande numero de pessoas.

Suas Magestades mostraram por mais de uma vez as inefaveis impressões que levavam do entusiastico acolhimento que receberam n'esta cidade hospitaleira.

E nem outra coisa podia deixar de succeder, porque effectivamente o Porto manifestou-se para com a familia real de um modo tão brilhante e expansivo, que com certeza havia de penhorar os monarchas portuguezes, os quaes nas ovações entusiasticas dos portuezes tiveram a confirmação mais solemne do amor que elles lhe votavam e que n'elles é proverbial para com os descendentes do valente cabo de guerra que nas trincheiras da heroica cidade assignalou o seu amor pelas garantias liberas, dando depois ao paiz os foros beneficos da constituição que está gosando.

Porto 7 de dezembro.

R.

PAÇOS DO CONCELHO EM MOÇAMBIQUE

Os paços do concelho de Moçambique occupam um vasto e nobre edificio na rua do Concelho, com frentes para essa rua, para a do Thesouro, e para a travessa da Cadeia. A quarta face dá para um grande pateo, e d'ahi para casas particulares.

O edificio da Camara Municipal foi em tempo propriedade particular, e é, no dizer do sr. José Vicente da Gama, o melhor paço de municipalidade e o mais elegante das possessões portuguezas d'alem-mar, depois do da cidade de Macau. Hoje, apropriado como está para os diversos fins a que o destinaram, tem um aspecto nobre e imponente.

E no edificio que a nossa estampa representa que estão alojados, além dos Paços e Archivos Municipaes, o Tribunal Judicial e cartorios, o quartel da policia, a cadeia civil, e um pequeno theatro.

SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado de n.º 197)

Ralava-o vêr que tanta gente morria fazendo falta á familia, aos filhos, á sociedade, e só D. Monica teimava em viver para o sangrar nas algibeiras, e fazel-o andar toda a vida á espera de sapatos de defuncto.

Depois ainda se lhe não havia tirado de todo da cabeça aquella apprehensão a respeito do conego Salgado.

E' verdade que o reverendo já ha muito não punha pé em casa de D. Monica, e que ella dizia do padre cobras e lagartos, o que Mafoma nunca dissera do toucinho, mas atraz da porta do seu quarto de vestir, conservava-se ainda em muito boa letra garrafal, aquella recommendação de o mandarem logo chamar quando a senhora estivesse doente...

A coisa tinha ainda para Antonio Dourado o seu dente de coelho, que o fazia coçar na cabeça mais de uma vez ao dia.

Uma outra circumstancia notava elle ultimamente, que de certo modo o lisongea-

A frente do edificio que tem uma ampla varanda a meio, e janellas de peito para os dois lados, é sobrepujada por uma especie de pequeno frontão, onde antigamente estiveram as armas Reaes de Portugal, as quaes foram substituidas por um relógio coberto ainda pela corôa, e cercado de paquíes de pedra. Por cima da corôa vê-se um sino pertencente ao relógio, e onde este tange as horas.

AUGUSTO DE CASTILHO.

AS NOSSAS GRAVURAS

PHAROL DO CABO CARVOEIRO

A Oeste da barra de Lisboa, e a 65 kilometros distante, está o Cabo Carvoeiro que é visível á altura das Berlengas.

O navegante encontra-o a 39^{os} e 21' de latitude N. e a 1^a de longitude occidental.

O seu pharol é dos mais importantes que se encontram na costa de Portugal.

Por decreto de 17 de abril de 1869 foi allí estabelecida uma estação telegraphica de primeira ordem.

A nossa gravura, feita segundo um desenho do nosso solícito collaborador o sr. Bartholomeu Sestinho Ribeiro Arthur, dá uma prefata idéa d'este posto semaphorico.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILÃO

XIX

Passamos á pintura, e sem podermos seguir qualquer ordem, vamos ao acaso pelas galerias olhando aqui e allí o que nos merecer attenção; não será tudo, porque fóra escrever um livro, mas o que de mais saliente encontrar-mos.

Vede esse quadro de Alceste Campriani, que entra na primeira plana da escola napolitana pela pintura a óleo; intitula-se *Faldas do Vezuvio*. Quem tem percorrido Napoles, não extranha a nudez d'aquelle pastorinho, porque proximo das estradas se encontram bastantes já quasi adolescentes, que não se occupam muito da toilette; e mesmo succede tambem em muitas partes do nosso paiz no tempo do verão. O pastor com um chapéo na cabeça, quasi nu, trazendo a carriça depezuada da cintura, conduz através dos campos de trigo esmaltados de papoulas o seu pequeno rebanho. É uma scena natural, animada, viva, e que os que transitam pelas provincias entendem perfeitamente.

A *Fabulas d'Esopo* é um dos melhores quadros da exposição, e que já em 1876 alcançou o grande premio Humberto na exposição artistica do Brera. Roberto Fontana, de Milão, deu-nos n'este quadro uns typos gregos reaes, e não uns certos typos convencionaes, além dos quaes se julga não poder haver nada grego. Querem alguns criticos quando se pinta uma bella grega, que ella seja sempre delgada, mais alta que baixa, como se na Grecia, como em toda a parte, não haja e haveria mulheres bellas mais ou menos carnosas. Os typos varios d'este quadro em que os trages gregos são perfeitamente estudados, aquelle grupo de jovens, que á sombra das arvores, n'um *dolce far niente*, mais ou menos descuidadas, ouvem o escravo contar uma das suas fábulas, faz um perfeito contraste com a figura musculosa mas rachitica do giboso Esopo tradicional, que as faz sorrir ao referir espiritualmente o logro de um corvo, d'uma cigarrã, ou d'um cão que deixou cair a carne na agua.

va, e era a maneira amigavel, bondosa e quasi torna com que o tratava agora a creada de D. Monica, que d'antes era toda do conego, creatura d'elle, que tudo quanto se passava em casa da ama, ia metter-lhe nos ouvidos.

Joanna não lhe fazia festa pelos seus lindos olhos.

Ali havia coisa.

Que seria?

Elle não era tolo, tinha a consciencia d'isso. Lá tólo é que elle não era.

D'ahi aproveitou aquella occasião do esgarço para lhe perguntar se a senhora havia ficado de mal com elle.

— Ora essa sr. Antonio, mal porque?!

E a velhaca logo accrescentou com uma accentuação de sinceridade tal que até enterneceu o sr. Antonio:

— Dê ella muitas graças a Deos de o senhor lhe aturar as impertinencias.

— Eu sim, respondeu elle apparentando certa modestia, eu pouco lhe aturo. Agora a senhora Joanna sim, vocemecê é que lhe atura. Coitada, tenho dó de si...

Ella dando muitas voltas ao avental, respondeu abaixando os olhos:

Que esplendida e robusta figura não tem a Ama de Jacome Di Chirico! Formas redondas, largas espaldas, seio amplo, rosto alegre e rochunchado, tocando n'um paodeiro para entreter uma robusta creança que já traz a sua boneca agarrada e corre com o seu arquinho. Como não havia de sair forte e alegre uma creança criada áquelles peitos, vendo sempre deante de si aquelle rosto que nenhum desgosto, nem cuidado transtorna? Os paes tão reconhecidos ficaram á bôa da rapariga que a trazem vestida do bom e do melhor, enfeitada com grossas arrecadas, colares e cordões, e ella alegre e satisfeita sorri para todos.

XX

Em certo tempo do anno entre nós andam por ahí homens e mulheres com cestos ou parellas bem abafadas vendendo marmellos, peras ou castanhas cozidas; ás portas d'algumas casas de comidas e bebidas veem-se mulheres assando castanhas; em Veneza durante as manhãs e dias brumosos do inverno apparecem por meio das praças e ruas certos individuos, que estabelecem uns aparelhos leves e singelos que se abrem como uma dobradura, sobre os quaes collocam uma especie de fornalha que faz ferver uma caldeira onde coem maçãs. Esta refeição é muito do appetite dos venezianos que encontram n'ella remedio contra o frio, e alívio contra o catarro toimoso. Angelo Dall'Oca tirou d'este costume assumpto para o seu quadro *Vendedor de maçãs cozidas*. Junto á caldeira está um grupo bem collocado; um joven e galhardo vendedor que offerece a uma creada engraçadinha duas maçãs bem quentinhas, de envolta com as suas finezas, que ella não desprezará talvez; no entanto um velho curvado sobre a caldeira aproveita a ternura do vendedor, para escolher a melhor maçã que lhe irá suavisar a tosse; a nevosa senho e ambiente e através d'elle veem-se varias figuras bem tomadas e caracteristicas.

Abaixo de zero é outro quadro de Dall'Occa. De um assumpto simples e vulgar, como aquelle, fez um quadro encantador. E' inverno, o thermometro está abaixo de zero, que frio! E' em Verona, patria do artista, uma nevosa cobre o ambiente; não se vê nada a dez passos. O gelo cobre as ruas; andar por cima d'elle é um perigo, e contudo uma joven e bonita criada, fina, e elegante apesar de embuçada, vas atravessando pé aqui, pé allí, com bastante cautella, porque aquelle tapete lhe prende o calçado; de certo o seu habito de tranzitar por sobre o gelo ha de deixal-a chegar a casa sã e salva. Mais longe n'esta especie de penumbra que sem ser dia, não é noite, veem-se outras figuras, meias esfumadas pela nevosa, de guarda chuvia aberto e que mal se percebem. Ninguem trata melhor estes assumptos.

Gambrino quadro de Camillo Rapetti. Muito de proposito accentuamos este quadro, porque encerra um exemplo digno de imitar-se, mas que ainda na Italia não tem tido imitadores. Gambrino, segundo as tradições germanicas é o nome de um rei neerlandez, que inventou ou aperfeçoou a cerveja. O rei coroado de flores de lupulo sorri de boamente, como não pôde deixar de fazer quem tem o prazer de gozar o de ver largamente usar do seu invento espumoso e refrigerante. Pois ate quadrinho, primeiro trabalho notavel de Rapetti e onde, a par dos defeitos da juventude revela grandes qualidades de colorista, foi encomendado por um industrial, Ignacio Trenke,—e por isso aqui deixamos consignado o seu nome,—para decoração da sua cervejaria da velha galeria. Vede-vos n'este espelho cervejeiros e taberneiros do mundo, e vede como, sem os beber, a cerveja e o vinho podem animar os artistas.

XXI

Eis o grande quadro do sr. João Muzziolo, ao qual foi conferido o premio de Cesar Catta, que no principio d'este trabalho mencionámos. Intitula-se — *No templo de Bocco*. Em frente da estatua do Deus, que se ergue no fundo do absido, está o grande altar dos sacrificios. Os musi-

— Que remedio! uma pessoa que precisa hade sujeitar-se.

Aqui é que o sr. Antonio julgou dever exclamar de cabeça levantada:

— Isso conforme. Ainda se ella fosse reconhecida ao que lhe faz, vá que não vá.

— A sua paga é muito pontual.

— Qual paga. Ha coisas que se não pagam. Eu bem vejo as coisas. Sei que a sr.ª Joanna a traz allí nas palminhas, e até parece não ver outro sol.

— Fui creada com ella de pequenina...

— Por isso mesmo a sr.ª D. Monica se devia lembrar de si. Ha morrer e viver. De um dia para o outro pôde aquella senhora fechar o olho...

— Ora, o que está para vir a Deus pertence.

— Pois sim: chore depois na cama que é parte quente. Quer um conselho de ruim cabeça? Vá-a dispondo a fazer testamento, e que lhe deixe alguma coisa, que não lhe faz favor nenhum.

Joanna chegou-se muito a elle e disse-lhe em confidencia ao ouvido, pondo-se no bico dos pés:

— Eu creio que testamento já ella fez.

Antonio Dourado careteando accrescentou:

cos fazem soar os seus instrumentos. A dança dionisíaca, em desenfreado galope, faz girar os devotos pela frente do Deus. As libações frequentes tem feito aquecer o sangue dos devotos; mas ao mesmo tempo vão-lhe quebrando as forças. Em frente do grande vaso está um caído, ao qual uma gentil baccante, com movimentos provocantes, em vão tenta reanimar, porque a acção do vinho lhe entorpece os membros. E, segundo se vê, uma festa de Bacco, e o escasso numero de devotos e o aspecto dos que occupam o primeiro plano, lançam sobre o quadro um sentimento de melancolia, como não podemos deixar de sentir ao contemplar a embriaguez, elevada á consideração de culto. O grupo central é de um magnifico effeito, e o premio parece ter sido bem julgado.

A prisão, quadro de Luiz Bianchi, é uma scena de vida bem estudada. Um carabineiro guarda a porta de uma pobre casa, onde necessariamente outros já entraram. As pessoas que passam, quer vão comprar objectos necessarios, quer os vão vender, param e observam, outros formam-se em grupos, discutindo que será? Na varanda de uma casa proxima, uma mulher se inclina toda para poder saber o que se passa. Os pequenitos que passam também param, e olham curiosos e espantados; outra mulher, sentada n'um poyal proximo á porta da casa, tenta escutar o que se passa dentro. A aldeã começava a despertar ao amanhecer, a neve cobre os telhados e o terreno, e o carabineiro forrado pelo seu capote, tudo acrescenta á melancolia do caso. Bianchi foi feliz na escolha do assumpto e na maneira de o tratar.

Dezembro, quadro de Augusto Sezanne, tem sido admirado por toda a gente, incluindo os artistas. Não gela, não chove, apenas as alturas do fundo são cobertas por uma ligeira nebrina, e uma aldeã, acompanhada pela sua pequenita guarda, tendo na mão a cana indispensavel, um pequeno rebanho de perus, que pastam n'um prado. Os diversos aspectos e posições d'ellas, a posição expectante e atenta da mulher, as arvores cortando o horizonte com os seus troncos despidos de folhas, e a casa á direita, toda fechada, dão a este quadro todo o encanto da verdade.

(Continúa).

R.

TENDA-BARRACA ANEXA AO HOSPITAL ESTEPHANIA

(Continuado do n.º 107)

IV

Para mais facil comprehensão do que vai lêr-se, com referencia aos preceitos que houve em mira respeitar na reconstrução da Tenda-barraca anexa ao Hospital Estephania, conviria talvez intercalar aqui uma breve apreciação scientifica dos principios em que se funda este novo systema hospitalar, bem como as regras hygienicas a que obedecem barracas e tendas nos variados pormenores da sua disposição.

Mas a estreiteza do espaço, mais ainda do que a feição pronunciadamente artistico-literaria do periodico em que ora escrevo, impossibilita-me de tratar n'ella semelhante assumpto.

Leitores que a esse respeito desejam adquirir noções claras e assaz desenvolvidas, escriptas com toda a proficiencia e auctoridade, occorrem-me o feliz alvitre de remetter-os para o excellente estudo de Jager e Sabouraud (citado já por mim no I do presente artigo), e sobretudo para a monographia importantissima (*Das tendas ou barracas como annexas dos hospitais civis*) que o professor Ferraz de Mac do estamponou no vol. I do *Correio Medico de Lisboa*.

A tenda-barraca anexa ao Hospital-Estephanía, e representada nas duas gravuras que illustram a pag. 261 do actual volume do OCCIDENTE, constitue um elegante pavilhão de configuração rectangular, disposto por fórma

— Também estou de accôrdo, e não quero teimas, mas agora os ventos mudaram...

E, completando a intenção da phrase, disse que o guloso do padre se devia ter aboioado bem...

Joanna soltou um assobio extenso e significativo:

— Ui!

— Oh!

— Joanna chegou-se ainda mais.

— Pelos modos deixa-lhe tudo.

— Talvez lhe estale a castanha na bocca.

E os olhos do mercieiro chammejaram.

— Ah! sr.ª Joanna, não seja tóla... era até uma consciencia... eu cá sou pelo direito, sempre pelo direito. Sua ama deve-lhe deixar tudo: o padre que vá dizer missa que vá pregar aos peixinhos. Sucia de madraços que anda sempre com a mira no que cada um tem?! Cavar com uma enxada, cavar com uma enxada.

E disse.

Joanna benzeu-se tres vezes.

Outras tantas vezes negou Pedro a Christo, antes que o gallo cantasse.

N'este caso porem não tinha de se encomodar o gallo, porque nem Joanna enganava

que as suas quatro paredes olham directamente para os quatro pontos cardaes (norte, sul, este e oeste).

Edificado na cêrca do Hospital-Estephanía, e convenientemente afastado (segundo as prescripções hygienicas) das enfermarias que formam o corpo propriamente dito do referido hospicio, — este pavilhão acha-se nas mais louvaveis condições de exposição, lavado por uma atmosfera purissima, e assente sobre um solo impermeavel do asphalto, — solo disposto em plano inclinado por modo que o pavimento da tenda-barraca está d'elle afastado: no canto nordeste 1^m,78; no canto sueste 1^m,92; no canto noroeste 0^m,32; e no canto sudoeste 0^m,66.

Corre em torno do pavilhão, e ao nível do seu pavimento, uma larga varanda ou galeria, para a qual se sobe por uma escada de 7 degraus, que corresponde exactamente ao meio da face meridional da tenda-barraca.

Tem esta varanda por largura em todos os seus lados 3^m,14; guarnece-a um parapeito, cuja altura mede 0^m,80.

Em frente da escada que já mencionei dos 7 degraus, abre-se a porta propriamente dita da enfermaria, — porta invidraçada que mede 1,60 de largura por 2,07 de altura.

Planqueiam-n'a de cada lado, ao longo da parede meridional do pavilhão, quatro portas-janelas, invidraçadas também, e também com a mesma altura, mas tendo apenas 1,20 de largura.

A parede septentrional apresenta uma disposição analogá, com a unica differença de estar substituída por uma simples porta-janela a abertura que na parede meridional corresponde á porta d'entrada. D'estarte figuram-lhe uniformemente dispostas nove portas-janelas, mediando na parede entre porta e porta um intervalo de 2,46.

Em cada uma das duas empenas (paredes oriental e occidental) ha igualmente duas portas-janelas identicas; o intervalo, que entre ambas medeia, é de 1,28.

Todas estas portas apresentam na sua parte superior ventiladores constituídos por caixillos de vidro obliquamente moveis em-torno de um eixo horizontal; a simfada inferior offerece, longitudinalmente praticados na madeira, ventiladores de corrediça, que podem, á vontade, abrir-se ou fechar-se, conforme as condições atmosfericas melhor o indiquem.

Ventiladores identicos, também de corrediça, estão inferiormente praticados na parede externa do pavilhão, — parede que é constituída por taboas de madeira horizontalmente dispostas no sentido longitudinal, imbricadas e convenientemente pintadas a tinta d'oleo.

A expressão — *parede externa*, — que o leitor acaba de encontrar, suscita-lhe naturalmente no espirito a idéa de que haverá uma *parede interna*. Isto, para entender-se bem, carece de uma explicação previa.

Effectivamente as paredes da tenda-barraca são (como ordenam os mais rigorosos preceitos da hygiene moderna) constituídos por dois folhetos (a que poderemos antes chamar *parede interna* e *parede externa*), mediando entre ambos uma distancia de 0^m,27. Este intervalo vazio acha-se convenientemente arejado, já pelos ventiladores de corrediça existentes na parte inferior da *parede externa*, já pelas aberturas multiplicas francamente praticadas no alto d'essa mesma parede (entre ella e o tecto). A *parede externa* é, como fica dito, de madeira; a *parede interna* é de lona.

Quando se penetra no interior do pavilhão, encontra-se uma sala oblonga, rasgadamente illuminada pelas vidraças das 22 portas que já exteriormente se descreveram.

Entre porta e porta estaciona uma cama; e a cada um dos quatro angulos da sala corresponde outra cama. São, por consequente, 22 camas as que alli se accommodam. Como resguardo interno das portas, desdobra-se-lhes em frente de cada uma, entre cama e cama, um reposteiro de lona.

As paredes lateraes da sala — depois de atingirem uma altura de 3^m,93 — reflectem-se obliquamente formando o chamado *tecto verdadeiro*, tecto que é (á similhaça da parede, com a qual se continúa) formado também por dois folhetos (um, interno, de lona, — e outro, externo, de madeira).

Antonio, nem Antonio enganava Joanna: cada um d'elles é que se enganava a si proprio.

Succede sempre assim quando se approximam dois velhacos de igual calibre.

D'ali a dois dias Antonio Dourado risonha e amavelmente presenteou a sr.ª Joanna com uma alcofa de figos.

Era significativo o presente, porque a respeito de figos, ha um ditado que diz que uns os comem e a outros arreventa a bocca.

O mercieiro collocava-se no caso d'estes ultimos.

Que innocente!...

A coisa chegou a pontos da mulher ter ciúmes d'elle.

Ora para onde lhe havia de dar a maluqueira.

— Ó filhinha pois tu não vês que tudo isto são conveniencias, valores entendidos?! Valha-te S. Benedicto a ti que tão negras idéas tens. Eu quero lá saber da sopreira. Olha o que eu quero é d'isto, d'isto.

E com os grossos dedos fazia menção de querer dinheiro, dinheirama, como elle lhe chamava.

Mas nada a convencia.

Para ella, ver a creada de D. Monica, era o mesmo que ver o diabo.

O tecto verdadeiro, que segue primeiro uma direcção obliqua (a partir das paredes septentrional e meridional), acaba por se reflectir de novo, tornando-se completamente horizontal, — e apresenta na parte central uma vasta abertura, rasgada em todo o comprimento da sala.

Esta abertura abraça os dois folhetos do tecto, e apresenta de largura 1 metro (considerada em relação ao folheto interno); avaliada em relação ao folheto externo, attinge o algarismo de 1^m,60.

O tecto verdadeiro sobrepuja exteriormente as paredes da sala, — debruçando-se em fórma de alpendre (n'uma extensão de 2^m,21) para abrigo ou cobertura da galeria que circunda a barraca.

Sobre o tecto verdadeiro (cujo comprimento está orçado em 40^m,70) corre-lhe (a 0^m,50 de altura e em correspondencia com a sua abertura central) uma especie de chapea constituída pela chamada *lanterna* ou *tecto falso* (tecto que, prolongando-se de cada lado na extensão de 1^m,52 e formando um angulo diedro em parallelismo com o tecto verdadeiro, acompanha a sobrolta abertura central em todo o seu comprimento). O tecto falso é, como o folheto externo do tecto verdadeiro, construído de madeira.

Tecto verdadeiro e tecto falso achiam-se exteriormente revestidos por *telha marselleza*.

O alpendre em que se transforma o tecto verdadeiro ao ultrapassar as paredes da sala, acha-se guarnecido em toda a extensão do seu bordo livre por uma calha de zinco, destinada a recolher na occasião de chuvas as aguas do telhado, — as quaes depois descem incanadas por doze tubos (seis incostados á parede septentrional, e seis á meridional), para finalmente lavarem a parte da superficie asphaltada que no solo impermeavel fica subjacente á varanda.

A altura da sala avaliada nas paredes lateraes (paredes correspondentes ás faces septentrional e meridional do pavilhão) é de 3^m,93.

Como, porém, o tecto não se lhas continúa logo horizontalmente, mas segue primeiro uma direcção obliqua (de fora e de baixo para dentro, e para cima), facil se torna concluir que a altura da sala vai augmentando á proporção que das paredes lateraes se vai caminhando para a parte central do aposento; assim, na parte media das empenas (que correspondem, como já explicado ficou, ás faces oriental e occidental do pavilhão), a parede attinge de altura 5 metros — que é exactamente a distancia entre o nível do pavimento da sala, e a abertura central do tecto verdadeiro.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Não falles como floente, nem mores entre vil gente.

Fazia-lhe cruces, fazia-lhe figas, tratava-a de resto.

Antonio Dourado pedia muito a Joanna que não fizesse caso, porque infelizmente a sua pobre mulher, desde que dera aquelle fatalissimo trambulhão, nunca mais regulara bem de cabeça.

Muitas vezes quando a ciosa esposa mais se exacerbava, elle exclamava, pondo as mãos na cabeça:

— Tu queres ser a minha desgraça!

— Pois se a tua felicidade está n'aquella lambisgoia, vae para ella, vae que eu não preciso de ti.

— Deixa, deixa morrer a velha que tu verás como te enganas, ferro logo á criada dois pontapés no posterior que a mandou para casa do diabo. Cuidas que morro por ella? Tomara eu vel-a como um cão com a lingua de fóra. Nem para si é boa o diabo da mulher!

E dava-se a todos os diabos por não achar outra maneira de persuadir D. Monica a que fizesse novo testamento em que desherdasse o padre.

(Continúa).

LEITE BASTOS.

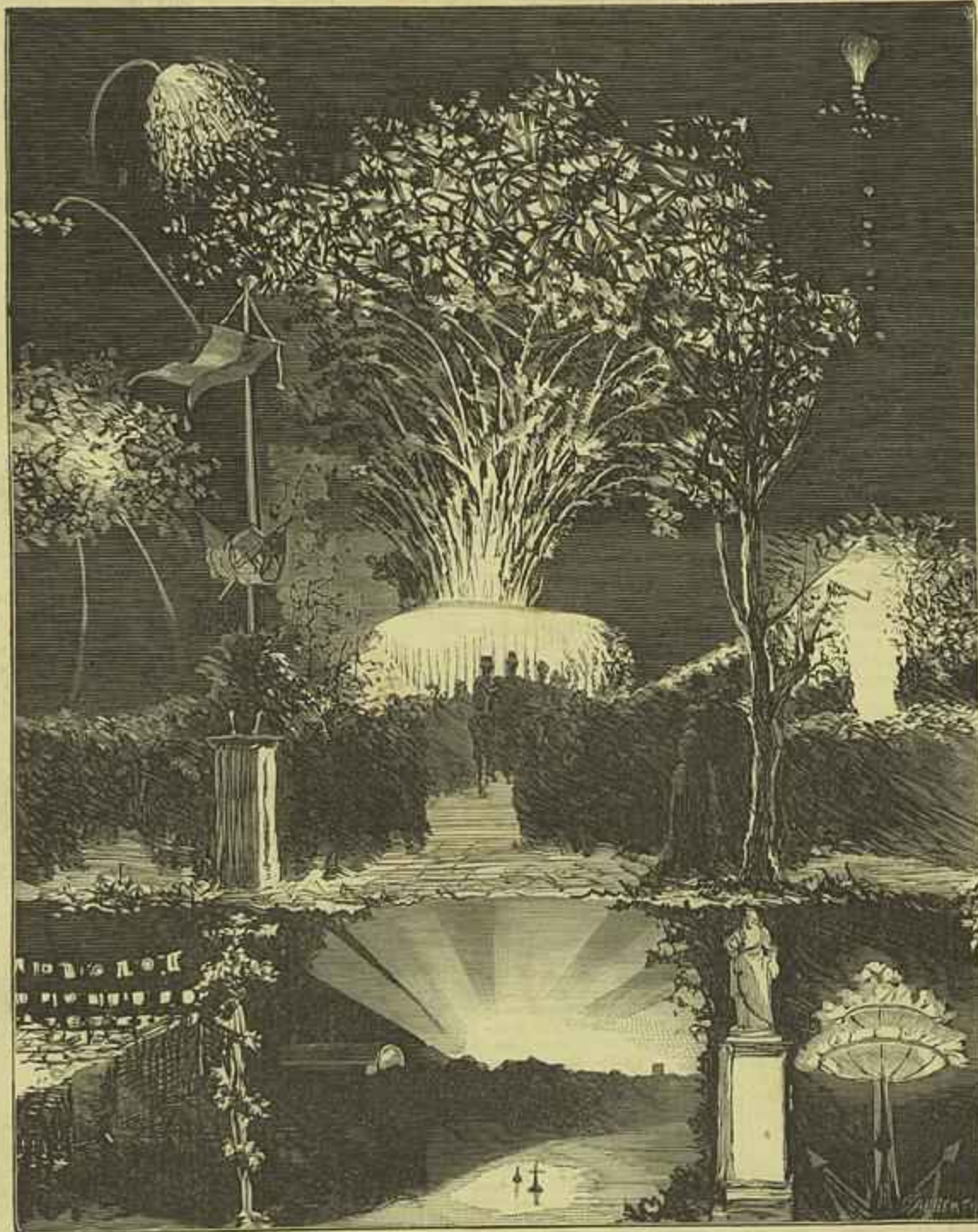
O pavimento (cuja superfície mede 33^m,54 de comprimento por 7^m,68 de largura) realisa perfeitamente as condições do que os Francêzes denominam *perce à jour*: é formado por taboas de pinho, paralelamente dispostas, e afastadas umas das outras 0^m,006; cada uma das taboas mede invariavelmente 0^m,4 em largura. Assim se completa, pois, o systema de ar livre, recebido por todos os planos, — effectuando-se, como se effectua, a ventilação, já pelas paredes, já pelo tecto, já pelo proprio pavimento da sala.

Quando as condições meteorologicas se prestam a que os doentes usufruam beneficio de irem expôr-se à influencia do ar campestre exterior, — podem elles mesmo na cama ser facilmente transportados para a galeria e permanecer ahí o tempo que o medico lhes prescreva; para isso basta abri-lhes a porta-janela que fica na contiguidade da cama; o leito, deslizando brandamente sobre os quatro rodizios, escorrega sem attritos pelo pavimento commum da sala e da varanda; e as duas meias-portas de vidro, que muito de industria se abrem para o lado de fóra, se encostarem vez-vez a face exterior da parede externa, concorrem ingenuamente para a facil execução d'esta manobra sem que o transitô fique imbarçado.

A mobilia da enfermaria é singela e despretenciosa, tal qual compete a um systema de hospitalisação que tanto se distingue por sobrio e simples. Consta unicamente de dois modestos aparadores collocados na parte central da sala; junto a cada cama accresce uma pequena mesa de cabeceira.

A illuminação nocturna é por borboletas de gaz.

O serviço complementare de limpeza effectua-



FESTAS NO PORTO POR OCASIÃO DA VISITA DA FAMILIA REAL—ASPECTO DO POGO DE VISTAS NO PALACIO DE CRYSTAL

(Desenho enviado pelo nosso correspondente artistico)

se por uma fossa moavel, — collocada na direcção-nordeste da harraca.

Entre a fossa moavel e o lanço oriental da varanda, corre uma galeria coberta para a qual se desce por 10 degraus, — galeria cujas paredes lateraes de madeira são superiormente rotas, e cujo tecto é convenientemente coberto por *telha marselheza*.

Esta galeria termina, a mais de 50 metros de distancia, por dois gabinetes em que ingenhosamente se realisam por machinismo apropriado as condições do inodoro e do impermeavel; — fica-lhes subjacente a fossa-moavel, que todas as manhãs é alternadamente substituida; para o facil expediente d'essa substituição concorre um systema de carris de ferro, assentos no solo, em que deslizam as rodas da fossa-moavel, como se fossem as rodas de um wagoneto.

Tenda-harraca e seu complementare appendice, — tudo apenas importou na verba de réis 5:500\$300.

Quando se pensa em que n'uma simples campanha eleitoral os caprichos partidarios malbaratam a comprar votos (sem proveito algum para o paiz, antes com o grave inconveniente de corromper e desmoralisar o povo) dezenas e dezenas de vezes a supra-indicada quantia, — só resta lamentar que mais cedo não scudisse o governo com aquelle importante beneficio aos enfermas da capital!

(Continua)

XAVIER DA GUNHA.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881

Lallemant Frères, Typ.

8, Rue de Valenciennes, 8

AOS NOSSOS ESTIMAVEIS ASSIGNANTES

Terminando com o presente numero o IV vol. do OCCIDENTE e indo encetar o 5.^o anno da sua publicação, devemos algumas palavras de reconhecimento e de gratidão aos nossos assignantes, ao publico e á imprensa, que tanto nos tem coadjuvado e tão bem nos tem acolhido.

As condições do nosso paiz, as difficuldades de producção e de consumo de publicações do genero da nossa, tornam uma empreza como a do OCCIDENTE de difficil desempenho. Entretanto nós temos a consciencia de ter conseguido o mais que se pôde exigir do nosso meio, progredindo dia a dia, e chamando a attenção do paiz até onde elle é susceptivel de se interessar.

O OCCIDENTE tem feito a historia illustrada do nosso tempo, avivado as nossas glorias do passado, vulgarizado e incitado os commettimentos do presente, tem emfim, feito a luz e derramado a instrucção pelos meios mais suaves e simples, inherentes a este genero de publicações.

Não insistiremos nas difficuldades com que temos luctado e que temos vencido, porque se tem abusado tanto d'essas palavras, que deixamos ao bom senso do publico o avaliar o nosso trabalho d'estes quatro annos.

Por ultimo o OCCIDENTE indo entrar no seu 5.^o anno de publicação tem a declarar que continua a seguir o mesmo programma que tem cumprido á risca n'estes quatro annos findos, procurando sempre melhorar e progredir contando com o auxilio dos seus estimaveis assignantes, e com as sympathias do publico, favor que espera continuar a merecer.

